



INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO INTERDICIPLINAR EM HUMANIDADES

SUNILZA LOPES RODRIGUES

**ASPECTOS DA IDENTIDADE CULTURAL DO POVO BRASA: OS
PROCESSOS RITUALÍSTICOS DA CERIMÓNIA DO CASAMENTO**

Redenção

2019

INSTITUTO DE HUMANIDADES
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES

SUNILZA LOPES RODRIGUES

**ASPECTOS DA IDENTIDADE CULTURAL DO POVO BRASA: OS
PROCESSOS RITUALÍSTICOS DA CERIMÓNIA DO CASAMENTO**

Trabalho de Conclusão do Curso Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, em formato de Projeto de Pesquisa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades, sob a orientação da Prof. Dra. Joalice Conceição.

Aprovado em: ____ de ____ de 2019.

**REDENÇÃO - CE
2019**

SUNILZA LOPES RODRIGUES

**ASPECTOS DA IDENTIDADE CULTURAL DO POVO BRASA: OS
PROCESSOS RITUALÍSTICOS DA CERIMÓNIA DO CASAMENTO**

Trabalho de Conclusão do Curso Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, em formato de Projeto de Pesquisa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades, sob a orientação da Prof. Dra. Joalice Conceição.

Aprovado em: ____ de ____ de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora e Presidente: Prof^a Dra. Joalice Santos Conceição
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Examinador Interno: Prof^o. Dr. Ricardo Ossagô de Carvalho
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB)

Examinador Externo: Prof^a Dr^a Caroline Costa Bernardo
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB)

RESUMO

O presente projeto de pesquisa em apresentação tem como propósito compreender os processos pela qual, ocorre a realização da cerimônia ritualística do casamento na etnia balanta, fundamentalmente, da linhagem *kwntoi* pertencente a zona sul, do território guineense. A justificativa do interesse em desenvolver esse estudo assenta principalmente, na vontade de conhecer de forma mais detalhada o ritual do casamento da etnia balanta, por meio disso acumular conhecimentos que sirvam da conservação dos ensinamentos e valores culturais de tal etnia. Os procedimentos metodológicos adotados para realização desse trabalho tratam da pesquisa qualitativa, de caráter etnográfico em que dividida em duas fases, na primeira faremos de levantamento de dados bibliográfico e na segunda adotaremos a observação direta, associada às entrevistas semiestruturadas. Os autores principais que servirão para sustentação do embasamento teórico são, a Cammilleri (2010) e Tchernó Djaló (2013), Stuart Hall (1996). Soma-se a estes autores que discutem temáticas relacionadas a categorias etnicidade e cultura. Esperamos com esse trabalho contribuir para conhecimento e reconhecimento dos aspectos à cerimônia ritualística do casamento, assim como, instigar outros pesquisadores.

Palavras-Chaves: Balantas de Kwntoi. Casamento. Rituais. Identidade cultural. Guiné-Bissau.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PAIGC - Partido Africano para Independência da Guiné e Cabo Verde

UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. JUSTIFICATIVA.....	10
3. PROBLEMATIZAÇÃO	12
4. OBJETIVOS	13
4.1. Objetivo Geral.....	13
4.2. Objetivos Específicos.....	13
4.3.Hipoteses.....	14
5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
5.1. Balanta: Génese e etimologia	15
5.2. Povo balanta e seu território	17
5.3. Configuração sociopolítico do povo Balanta (Brasa).....	18
6. ASPECTO DA IDENTIDADE CULTURAL DO POVO BALANTA.....	20
6.1.Ritual de passagem para vida adulta: mulheres/homens.....	21
7. PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS.....	24
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27

1. Introdução

A presente pesquisa pretende trazer em análise o aspecto ritualístico de casamento tradicional da etnia balanta da linhagem *kwntoi* na Guiné-Bissau. Um país conhecido como Guiné Portuguesa no período colonial, atual Guiné-Bissau. Território localizado na costa ocidental da África, faz fronteira com a República de Senegal ao norte, a república da Guiné Conacri a leste e sul e ao oeste é banhada pelo Oceano Atlântico (AUGEL, 2007).

Sua extensão territorial que ocupa aproximadamente 36.125 Km², está constituída por uma parte continental e outra insular com o arquipélago dos Bijagós, que possui cerca de 90 ilhas, das quais apenas dezessete são habitadas. “O país retém oito regiões que são regiões de Bafatá, Biombo, Bolama/Bijagós, Cacheu, Gabú, Oio, Quinara e Tombali e um Setor Autónomo de Bissau, que também é o capital do país”. Estas Regiões dividem-se em 36 setores e estes, por sua vez, em várias secções, compostas por Tabancas (Vilas), marcadas pela distância da capital, Bissau, devido à ausência de transportes ou à precariedade destas (BENZINHO; ROSA, 2015, p.15).

Com existência de mais de 29 grupos étnicos que compõem seu mosaico étnico destacam-se Brsas¹, Papel, Manjaco, Mancanha, Mandinga, Fula, Biafada, Bijagó, Felupe, e outros ainda que fazem parte dessa vasta multiplicidade, que apresenta diferentes formas de manifestação culturais.

Devido a situação geográfica, cada uma delas tem a sua história e cultura. Os Balatas, Manjacos e Pepel se encontra nas zonas costeiras onde fazem o cultivo de arroz nas bolanhas, os pépeis são os maiores produtores de vinho de caju, um produto que essencialmente, com sua castanha tornou numa das fontes da economia guineense.

Por outro lado, temos os Fulas, considerados grandes comerciantes e criadores de animais, os Bijagós que são reconhecidos pescadores e os Mandingas que aplicam as atividades relacionados a comercio e agricultura (BENZINHO; ROSA, 2015).

No contexto atual, a etnia Brasa, objeto do nosso estudo, é considerado o maior grupo étnico na Guiné-Bissau, ocupando por volta de 24% de total populacional que o país apresenta, e pode ser encontrada por toda a parte, principalmente, nas regiões do país (DJALÓ, 2013).

Na etnia balanta, também conhecida como brasa, existem duas grandes correntes chamadas *Kuntoé* e *Nhacra*. Dentro do grupo dos balantas, em geral, há outros ramos chamados de balanta *patch* e *nagha*.

¹ Brasa: é o nome que se dá a etnia Balanta na lingua original.

A sua região, também conhecida como “balantacunda” é um planalto florestal recortado por pequenos pântanos. Podem ser encontradas do outro lado da fronteira de Casamança (uma parte do território senegalesa), e da Guiné-Bissau. Entretanto, a etnia balanta é uma etnia dividida em vários grupos com demarcação de origem com versões variadas.

De acordo com o que foi salientado pelo Djaló (2013), no que se refere a divisão dos povos tradicionais que habitam na Guiné, os grupos felupe e baiote, assim como os balantas, povo que nos interessa abordar neste estudo, é etnia, que embora reconheça que as terras são de propriedade dos Deuses (*Emitai*)², não admite nenhum intermediário real, vivo, pois, para eles são invisíveis e imaginários a quem eles solicitam a autorização para tomar posse dos terrenos indispensáveis para a sobrevivência da comunidade familiar.

Esse fato, revela a característica tradicional desse povo que venera os espíritos dos antepassados que compreendem interferir em todas as esferas da vida dos vivos, e isso, assenta nas regras culturais que envolvem a presença de rituais e certas práticas sagradas que são invioláveis e que constituem do ponto de vista do Djaló (2013), os elementos essenciais do totemismo. Como exemplo, de ritual inviolável podemos destacar fanado (circuncisão). O fanado é um ritual que tem a participação apenas do sexo masculino nessa etnia, em específico, porém, tem um cumprimento obrigatório.

Na Guiné Bissau, entre várias etnias tradicionais existentes, é notável as realizações de cerimônias ritualísticas e práticas mágicas orientadas pelos rituais que são chamados em crioulo da Guiné, de “ *djambacus* (para os homens), *djambacá* (para as mulheres) ou *baloubeiro* (*balôbeiro*) para os dois gêneros”. (DJALÓ, 2013, p.42).

Dentre os rituais mais conhecidos e realizados por diferentes etnias que habitam o território guineense, podem ser apontados os ritos fúnebres conhecidos em crioulo como “*toco tchur*”, pois, este ritual, representa a consagração na cosmogonia negra-africana, da separação entre a vida e a morte, é um ritual que procede ao *Darma*³ sobre o irã da família enlutada. (DJALÓ, 2013).

Ao longo desse trabalho de pesquisa colocaremos foco de debate nas matérias remetentes ao aspecto da identidade cultural desse povo que é considerado polígamo, fato que não coloca uma esposa na condição de submissão e sujeição das vontades do marido.

Referente aos fatos que podem ser apreciadas nesse processo da união entre uma mulher e um homem. Esse processo de união envolve negociação familiar e vários preceitos, através

² Emitai: nome atribuído aos Deuses na língua etnica balanta.

³ Darma: é ritual de pedido de interferência do espírito subrenatural num determinado assunto ou contexto, fazendo julgamento, dando punição ou proteção.

dos quais se dá a união. Neste sentido, nossa curiosidade centra em compreender todo um conjunto desse processo e os caminhos a serem percorridos através da análise rituais de casamento, a fim de ampliar os conhecimentos das pessoas sobre os rituais de casamento da etnia balanta.

O trabalho assenta em dois eixos principais. No primeiro trataremos sobre a gênese etimológica da etnia balanta, contextualização do território, bem como a sua configuração sociopolítica. Já no segundo eixo abordaremos o aspecto da identidade cultural a partir da apresentação das regras que regem a formação cultural do povo balanta.

O projeto que ora apresentamos servirá como um ponto de partida para um trabalho que no futuro pretendemos desenvolver mais profundamente. Para tanto, iniciaremos uma jornada com propósito de contribuir para o conhecimento e reconhecimento dos valores culturais que o povo guineense carrega, fundamentalmente, desta etnia em específico, culturalmente rica, mas com valores desconhecidas por muitos.

Cumprе salientar que pertenço esse grupo étnico, muitas informações aqui expostas partem das experiências vividas desde meu nascimento e convivência cotidiana nas suas comunidades. Acrescento que a minha linhagem familiar é *Kwontoi*, linhagem que tomaremos como referência para análise dos aspetos da identidade cultural daquele povo, que também diz respeito ao meu pertencimento. Todavia, embora pertença ao grupo *Kwontoi* pouco ou quase nada sei sobre as cerimônias ritualísticas do casamento.

O estudo será constituído metodologicamente pela pesquisa qualitativa de caráter etnográfica, com aplicação do procedimento da recolha dos dados bibliográficos nessa primeira fase e na segunda utilizaremos aplicação das entrevistas semiestruturadas no campo com pessoas que assumem a identidade balanta.

2. Justificativa

Entende-se que toda identidade é construída e constituída no ato de ser narrada como uma história, no decurso prático de ser transmitida para os outros.

O trabalho remete a pensar cerimônias ritualísticas de casamento de um grupo étnico unida por uma identidade, pelas características culturais e sobretudo pela consciência coletiva de pertencer a sua comunidade (LOPES, 1982). Levando em consideração o que nos enuncia Stuart Hall (1996, p.70) “As identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e da história”. Não uma essência mas um *posicionamento*. Para Hall (1996), a identidade cultural não é uma essência fixa que se mantenha imutável fora da história e da cultura. De igual modo, identificamos nos rituais do casamento do povo balanta importantes elementos da cultura que interconecta a outros setores da sociedade mais ampla. Além de ser uma forma de cumprir com as exigências para obtenção do grau de bacharel em humanidades, a temática em estudo, despertou o meu interesse porque o casamento tem uma grande importância na junção comunal das famílias africanas, principalmente na Guiné-Bissau, e em especial nessa etnia dos balantas da linhagem *kwntoi*, como forma de resgatar os saberes que envolvem conhecimentos relacionados à cultura da Guiné..

Visto no contexto social, este estudo oferece uma oportunidade de conhecer os rituais pelas quais se realizam os casamentos dessa etnia em específico, num universo gigantesco das variedades de grupos étnicos que evidenciam a pluralidade dos valores culturais tradicionais dos povos que forma o mosaico étnico da Guiné-Bissau; valores culturais muitas vezes, desconhecidos por outros povos, outros grupos étnicos guineenses e até mesmo pelos próprios membros balanta, que não reconhecem nem conhecem os seus valores culturais que supomos ser importantíssimos para a construção das identidades.

No que se refere ao campo acadêmico, o trabalho em questão possibilita o acesso a mais um trabalho científico que ajude a compreender os valores do povo Balanta em geral e na vertente específica da linhagem *kwntoi* e servir de um suporte bibliográfico para os futuros trabalhos científicos, sejam eles seminários, projetos de pesquisas e debates acadêmicos a respeito dessa temática. Para além de somar aos outros trabalhos já existentes, nos ajuda a analisar a multiplicidade cultural e suas especificidades em África, fundamentalmente na Guiné-Bissau. Ademais, o trabalho poderá não só ajudar a esclarecer a forma como é realizado o ritual, mas também contribuir para o aumento de incentivo a outros acadêmicos a explorarem

temáticas semelhantes a esta. Pelos motivos acima mencionados justifico a realização desse estudo.

3. Problematização

Segundo conversa informal, foi-nos informado que os balantas possuem uma forma de apresentar a imagem das suas ancestralidades, do seu chefe superior. Esta forma é denominada pelo grupo como *NHALA* (significa Deus). Isto é, numa visão religiosa, o chefe superior tem grande importância porque se acredita que a pessoa é chamada para cumprir um determinado assunto que está relacionado com as suas comunidades ou vilas, portanto o chefe superior representa entre aquele povo o próprio Deus. O *Nhala* está acima de tudo e é a partir dele é que podem ser recebidas a aprovação para realizações de determinadas cerimônias ritualísticas.

Dentre os preceitos religiosos que orientam os cumprimentos dos seus valores culturais, a cerimônia ritualística do casamento figura como uma das mais importantes. Entretanto, muitas vezes, as circunstâncias próprias que demandam sua realização, são desconhecidas por muitos que as atribuem igual sentido ou significado à da denominada *lavagem*⁴. Muitas pessoas confundem a cerimônia ritualística do casamento com aquela que se realiza para cumprimento da fase em que existe a passagem para a vida adulta dos indivíduos daquela etnia. No caso dos balantas, especificamente, as mulheres, é a cerimônia do casamento que garante a passagem para a vida adulta. Entretanto, outras pessoas, enxergam esses rituais como ultrapassados, atribuindo-os significados negativos. Todavia, a proposição dessa investigação visa contribuir com uma visão mais acurada dos preceitos culturais, a fim de desconstruir preconceitos e visões distorcidas sobre tais rituais.

A partir deste quadro, procuraremos analisar as seguintes questões: como decorrem os processos ritualísticos na cerimônia do casamento da etnia balanta? Qual é a função dos pais da noiva/noivo no processo comunal? Por que esses rituais apresentam esses procedimentos? Quais são as pessoas que detem poder das decisões para realiza tal cerimônia? Onde ocorre essa cerimônia ritualística? Quais os valores simbólicos do cumprimento desse ritual? Por fim, quais são os materiais usados para realização deste tipo de cerimônia? Todas essas perguntas indicam os caminhos que pretendemos seguir para o alcançar os objetivos preconizados.

⁴ Cerimônia ritualística realizada, entre os povos Balanta, quando uma menina ou adolescente engravida antes do casamento.

4. Objetivo

A partir dos questionamento levantados acima, propomos alguns pontos que servirão de caminho para atingir os objetivos preconizados para a compreensão da temática como um todo.

4.1. Objetivo geral

- Compreender o aspecto ritualístico de casamento tradicional da etnia balanta da linhagem *kwntoi*, *Brasa* na Guiné-Bissau.

4.1. Objetivo específicos:

Além do objetivo geral acima mencionado, propomos ainda outros objetivos que ajudarão na compreensão da temática, tais como:

- Analisar a identidade cultural do povo balanta da linhagem *kwntoi* “brasa”;
- Entender os processos ritualísticos existentes na cultura do povo balanta dessa linhagem;
- Identificar as relações de poder na tomada de decisões ritualísticas de casamento;
- compreender o papel desempenhado por homens e mulheres mais velhos dentro dos processos ritualísticos do casamento.

4.2.Hipoteses

- H¹. Supostamente, o casamento da etnia Balanta compreendido como uma cerimônia atrelada a consciência coletiva, sociocultural e historicamente instituída. Implica o cumprimento das regras fundamentadas nas práticas e valores ancestrais desse grupo. Considerando isto, ele constitui o modo pelo qual a sociedade Balanta reconhece a formação e a dignidade de uma família.

- H². Por conjectura, a prática ritualística de acasalamento de um Homem e uma Mulher é um mecanismo de socialização, assim como, integração étnica de ambas as partes na sociedade Balanta.

5. Fundamentação Teórica

Antes de entrarmos no debate teórico dos aspetos ritualísticos da cerimônia de casamento desta etnia, vale apenas conduzir o leitor ao debate que destaca a gênese e etimologia do nome Balanta, sua origem, seu território e alguns quesitos relevantes, com intuito de ajudar na visão mais panorâmica do estudo em questão.

5.1. Balanta: Gênese e etimologia

Desta feita, iniciaremos apontando que o nome balanta é controverso, assim como sua origem. De acordo com Christian Roche (1985), inspirado na obra de Teixeira da Mota (1954) e de Péliissier (1973), os Balantas Berassé ou Brassa, os *Benagas* e os *Betxá* fazem parte das ramificações que viviam na Guiné-Bissau. Os Balantas de *Xá* ou de *Canja* pertencem ao grupo de Cassamança. Os Brassas se reconhecem como rizicultores hábeis enquanto os Balantas de Cassamança praticam uma rizicultura reduzida, reservada às mulheres. (DJALÓ, 2013 APUD CRISTIAN, 1985).

A sua origem desperta divergências e contém várias versões e mitos. Péliissier (1973) citado por Djaló (2013) defende firmemente que os Balantas são da origem sudanesa porque acredita que a ramificação brassa da Guiné-Bissau aprendeu as técnicas da rizicultura inundada ao chegarem às margens dos estuários da costa e, provavelmente, aprendendo com as populações anteriores estabelecidas nas margens dos “Rios do Sul”. Esse fato constitui para esse autor um novo testemunho. Por outro lado, da autenticidade e da extrema antiguidade da rizicultura inundada africana neste setor da costa ocidental.

No entanto, esse argumento vai em confronto com as tradições orais ou as visões que cercam as interpretações da origem da etnia balanta, defendida por diversos outros grupos étnicos que habitam a região, o que o torna uma explanação que carece de certa clareza.

De acordo com a sua própria tradição oral, assim como o do povo mandinga, os balantas seriam “Soninkés” provenientes do Madem no século XIII com o lendário Sundiata Keita, a quanto do seu retiro em Cabu (Djaló, 2013). A explanação demonstra que uma parte desse povo pertence a um grupo de guerreiros que cansados das guerras sangrentas conduzidas pelo seu chefe, optaram por se estabelecer em Cabu, no entanto, sua ramificação provém dos detentores do apelido Mané, que se traduz Balanto.

Com a guerra da expansão territorial e conquistas conduzidos pelo conquistador dos Fulas, Koli Tenguele, foram empurrados para a costa, pois, outras versões também fazem se afirmar que esse grupo pertencia o exército do Koli e que depois de sentirem fartos de lutas empreendidas por este, fugiram para instalar na aldeia do Bigené (território da Guiné-Bissau). (DJALÓ, 2013, p.45). Analisando etimologicamente o nome balanta, concretiza-se que tanto quanto a sua origem, o seu nome é profundamente controverso. Segundo o que foi salientado pelos mandingas ou malinkés:

Etimologicamente, o termo balanta significa “aquele que se recusa; um renegado”: balan= ? “recusa”. Daí balantakunda “entre aqueles que se recusam”. Para uns, é a recusa de seguir os exércitos de Koli Tenguele ou de deixar o seu país de adoção. Para outros, é recusa de se converter ao islão. (DJALÓ, 2013, p.45).

Assim, o nome balanta torna uma designação que apresenta esse povo como aqueles que não permitem subordinação nem dominação de qualquer tipo desde que fira seus valores, preservando com isso a simbologia dos valentes na luta armada, principalmente, no período colonial que opuseram a dominação e exploração dos colonizadores portugueses.

É com alcunha de “escravos” e de “cativos” em língua portuguesa que este povo faz a sua primeira entrada na história do povo lusitano. Anteriormente o nome balanta era já conhecido em toda a Senegambia com um sentido mais pejorativo: “os ferozes e rebeldes”. (CAMMILERI, 2010, p.14).

No que concerne a sua composição, revela uma divisão no total de cinco grupos, formado por Balanta-Mané, que seguindo as narrativas históricas sofreram a influência do povo mandinga ou os que foram “mandinguizados”; os mansoancas que habitam a região de Mansoa; os Balanta *brabo ou de dentro*; os Balantas *manso ou de fora*, e os Balantas Naga. (Djaló, 2013).

No trabalho realizado pelo Fernando Siga (2015), constatou-se que os balantas é reconhecido como o maior grupo étnico da Guiné-Bissau, está dividido em 6 gerações que são: Balanta de kwntoi, Balanta N’hacra, Balanta Patche, Balanta Naga, balanta mané e Balanta Damé. E dentre esses grupos que formam a linhagem dos brasas, mencionou duas que considera de grandes gerações: as dos **Quintoés E Nhacra**. De acordo com Fernando Siga (2015) um velho com que teve uma conversa disse-lhe o seguinte:

Pode-se considerar os Balantas de QUINTOÉ como a pedra basilar das outras gerações porque eles possuem um poder muito grande em relação às atividades ligadas à tradição, como as grandes manifestações Quinsundé, Cantapó (FBALAK) e fanado(FÓ).

Essas manifestações culturais apontadas pelo velho com quem estava conversando simbolizam grandes rituais que ocorrem em momentos, considerados muito importante pelo total das linhagens que compõem a etnia *brasas*.

Fechamos esse tópico compreendendo que dentro de vasta diversidade que forma esse povo tem, subjacente, uma grande contraversa das opiniões no que diz respeito a sua origem.

5.2. Povo balanta e seu território

Segundo Cammilleri (2010), majoritariamente, na Guiné-Bissau, os Balanta (Brasa) são povos concentrados em três regiões administrativas: “Oio (59), tombali (58), quinara (48, 5) e essas zonas são consideradas as maiores produtoras de arroz de todo o país”. (CAMMILLERI, 2010, p.29).

No entanto, é um povo conhecido e reconhecido pela sua vontade de empreender trabalhos coletivos na sua comunidade, desde agricultura, criação de gado e outras atividades que na seu cotidiano se apresentam.

Na sua cosmovisão, o campo de cultivo (*thambe*), é reconhecido inalienável, pertence as pessoas e as famílias que trabalham nela, pois, os preceitos recomendam que pode ser emprestado para outras famílias ou pessoas da comunidade mas nunca vendido. Para esse povo a terra acaba por não só servir de espaço de produção mas é atribuída um significado mais amplo e profunda, uma vez que constitui um verdadeiro lugar da vida dos seres visíveis (*biñan*) e não visíveis (*ule*).

De acordo com Cammilleri (2010), conforme o calendário das atividades agrícolas chamado na língua brasa *qwasa*, é de maio a novembro com particular intensidade entre meses de junho e de outubro (*thid ni thenhe*), que toda a família fica empenhada nos diversos trabalhos de campo. O tempo que resta (*thid hae*), costuma ser empregado na atividade de criação do gado, no artesanato rural, na cerâmica, na pesca e em outras atividades culturais e religiosas.

O instrumento de trabalho mais conhecido na atividade agrícola desse povo e denominado na língua crioula de *arado* e na língua balanta é chamada de *kidinde*, pois, é uma espécie de “remo de 2 metros de comprimento, formado por três partes constituinte que são o cabo (*fbalak*), a pá (*kbinde*), a cobertura circular em ferro, do extremo da pá (*npugn*)”. (CAMMILLER, 2010, p.29).

Arado é também um instrumento que simboliza a identidade desse povo que é reconhecido não só pelo respeito que conservam pelas suas tradições mas também pelo reconhecimento das suas capacidades agrícolas e de pastagem.

5.3. Configuração sociopolítico do povo Balanta (Brasa)

De acordo com Cammilleri, (2010) os balantas no geral, apresenta um sistema familiar alargado em que todos os laços familiares são providos de uma gigantesca importância. Um exemplo disso, se constata nas pequenas aldeias onde habitam essa etnia, em que podemos ver em todos os membros um grau de mesmo que menor de parentesco e ressaltado isto, se constata uma grande valorização da questão familiar.

A sociedade balanta está dividida em dois grupos principais: o grupo *bkuntoe* e o *buunge*, que descendem do lado paterno do povo beafada e do lado materno do povo Bissau: Os mais autênticos são os *bkuntoe*, cujo, os *buunge* se desprendem por conta das imigrações. De fato, ao termo singular *unge*, plural *buunge*, confere o nome de um pássaro migratório, que aparece em grandes bandos no tempo de amadurecimento do arroz. Como mostra ao autor abaixo:

No interior do grupo brasa buunge a sociedade apresenta-se dividida em três grandes unidades, de acordo com a classificação de Diana Lima Handem: “a sociedade brasa buunge é composta de três grupos de filiação unilinear que reconhecem respetiva e globalmente um antepassado comum e mítico. (CAMMILLERI, 2010, p.33).

Todos estes grupos estão configurados no alicerce de uma organização segmentada em grupos domésticos ou famílias, num segundo nível em linhagens que unem essas famílias e finalmente num terceiro nível, em clãs. Por outro lado, diferentemente de vários outros povos que compõem a configuração estrutural dos grupos étnicos da Guiné-Bissau, o povo balanta é considerado uma sociedade horizontalizada, isto é-nesta etnia não existe a questão da hierarquia do poder em que se têm um líder (régulo) para governar ou criar regulamentos nos limites territoriais em que vivem (aldeias), e isso, o torna diferente de outros grupos étnicos existentes na Guiné-Bissau, como no exemplo das fulas, que detém uma sociedade vertical onde se verifica claramente a existência de divisão hierárquica, criando separação entre chefes ou nobres e os servos denominados de “cativos”. (CABRAL, 1984, p.4)

Segundo o que enuncia a Cammilleri (2010), sem hierarquia nem chefes, nesse grupo todos os membros tem o direito de decidir e de mandar executar as decisões tomadas durante as reuniões que realizam referente aos problemas variados que perpassam por, conflitos com outros povos vizinhos, declaração de guerras e tratados de paz, as alianças com outros grupos, assim como, definem conjuntamente os rituais que marcam a passagem de classe de idade e as cerimónias que são realizadas para afastar os males coletivos.

Essa questão será abordada mais adiante, no tópico do aspecto cultural, no entanto, seguimos Citando Cabral, que no seu livro intitulado “Unidade Nacional”, ao discutir a questão das distinções entre as sociedades horizontais e verticais, faz-se a seguinte argumentação:

Se nas sociedades de estrutura horizontal, como a sociedade balanta, por exemplo, a distribuição dos níveis de cultura é mais ou menos uniforme, estando as variações apenas ligadas às características individuais e aos grupos etários, nas sociedades de estrutura vertical, como a dos Fulas, há variações importantes desde o cimo à base da pirâmide social. (CABRAL, 1951; p.363).

Cabral (1951), argumenta que esse grupo étnico, no que tem a ver com a sua entrada para a luta de libertação nacional, não é porque se consideram mais corajosos que os outros, mas sim, pela característica que a sua sociedade apresenta. Uma sociedade de homens livres, que não admitem submeter a nenhum tipo de opressão, muito menos dos colonizadores que queriam apropriar-se não só das suas terras, mas também os controlar, dominar e explorar.

Vê-se que, a resistência desse povo tem oposto a todas as formas de agressão e de pressão, uma vez que, demonstra-se particularmente significativa se considerarmos que o seu sistema político não é de carácter centralizado e por isso hipoteticamente mais estável e mais sólido, mas ao contrário é descentralizado, parcelado em muitas pequenas unidades sociais e familiares que são mais expostas a desintegração e a segmentação de unidade política. (Cammilleri, 2010).

A partir dessa ideia supõe-se que na sociedade balanta não existe submissão a outrem, uma vez que, todos exercem poder, o que descarta o estabelecimento das hierarquias e aponta valia de considerá-la uma sociedade democrata.

Articulado a afirmação acima exposta, no que concerne ao aspecto democrático, referimos a perspectiva de igualdade de gênero no que tange a papel importante que as mulheres dessa etnia desempenham.

Na perspectiva do Callewaert (1995), na sociedade balanta as mulheres detêm suas organizações exclusivas a elas, no caso das mais adultas, denominadas de *fiere apte*, que significa os que introduzem no mundo (as parteiras), detém o poder de assistir e dirigir os trabalhos de parto e no tratamento dos doentes. No campo político, são elas as detentoras de controle da autoridade dos conselhos de anciãos.

Sob circunstâncias especiais as mulheres, e unicamente as mulheres, formam uma comunidade que se exprime em atividades divinatórios, curativos, sacrifícios, rituais de emersão, resgate das almas as outras semelhantes. Isto pode ser caracterizado como uma manifestação feminina ocasional ou mais literal, mais ou menos independente da estrutura simbólica masculina dominante (CALLEWAERT 1995, p.35)

Articulando análise à ideia acima disposta, pode-se supor até certo ponto, que a sociedade balanta é democrata nessa perspectiva, visto que, como existem os grupos de anciãos, de igual modo, existem as de anciãs e ambos em colaboração, outrora, em conjunto trabalham para o engrandecimento do bem-estar das suas sociedades, isso, é reconhecido por toda a etnia. Esse fato, levou o Cabral (1984), a realçar o papel da mulher na produção dos produtos como sua proprietária conferindo-lhe a um estatuto privilegiado de liberdade efetiva, diferentemente de outras mulheres pertencentes a outras etnias.

6. Aspecto da Identidade Cultural do povo Balanta

Nos debates que se avistaram teorizando conceitualmente a cultura se apercebe as suas múltiplas formas. Na perspectiva histórica do termo, a cultura que significa “cultivo”, provém do latim e tem sido uma matéria de discussão de muito tempo atrás chegando ao agora dos nossos dias.

Embora considere complexo de conhecimento e todo o caráter do indivíduo para se exercer socialmente, por além de uma reação desprovido do intuito biológico, a cultura é compreendido pelo Edward Tylor (1871), a partir do aspecto conceitual, como a convivência de uma determinada sociedade organizada de modo em geral, com suas regras e valores tradicionais.

Trazendo o Max Weber com a sua visão do homem como um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, Clifford Geertz (2008, p.04), no seu livro intitulado *A interpretação da cultura* afirma assumir “a cultura como as teias apontados pelo Weber, neste caso, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa à busca dos significados”.

A partir da questão relacionado a significados trazemos o Stuart Hall (1996), que considera a identidade como uma ideia criada, porque ninguém nasce com uma identidade. Para dar um exemplo simples dessa visão, é que ninguém nasce cearense, no entanto, se torna cearense por meio das ideias já criadas na sociedade, ou seja, das condutas de vida estipulada pela referida sociedade. Isto significa de que para esse autor a identidade é uma imaginação uma ideia (SIGA, 2015).

Apresentadas por meio das identidades nas suas variadas manifestações, a cultura está presente em toda parte do mundo, como também em diferentes lugares conhecidos em que se pode compreender a sua existência com as práticas ritualísticas de passagem dos seguintes exemplares: circuncisão, batismo, comunhão, (de diversos povos) o procedimento da iniciação

e a feitura de santo nas religiões de matrizes africanas. Nota-se que nas sociedades contemporâneas conhecemos estes ritos como celebração.(PEIRANO, 2003, p.09).

Na sociedade balanta “Brasa” em geral da linhagem *kwntoi*, objeto do nosso interesse nesse estudo, a cultura continua até hoje conservada por suas identidades no que constata a organização social, baseado na divisão de grupos de idade por gêneros. E é concretizada os preceitos culturais por meio dos rituais definidos por Gennep (2011) como padrões de conteúdos comportamentais semelhantes, resultantes, normalmente de semelhanças nos ambientes.

6.1. Ritual de passagem para vida adulta: mulheres/homens

De acordo com o Peirano (2003), ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios.

Consideramos o ritual um fenômeno especial da sociedade, que nos aponta e revela expressões e valores de uma sociedade, mas o ritual expande, ilumina e ressalta o que já é comum a um determinado grupo. [...] Rituais são bons para transmitir valores e conhecimentos e também próprios para resolver conflitos e reproduzir as relações sociais;(PEIRANO, 2003, p.8).

Nessa ótica, as cerimônias ritualísticas são valores passados de geração a geração que nessa etnia em específico sustenta meios de transmissão dos conhecimentos e valores ligados a conduta humana, devendo ser transmitidas e sempre cumpridas como forma de reproduzir relações sociais e manter coesa as suas comunidades e sua ligação com o passado.

Sendo assim, as fases de formação de cada grupo é uma forma de ganhar a capacidade de se integrar socialmente e adquirindo possibilidade físicas e morais dos indivíduos e a condição do meio, na realidade cósmica cultural da etnia Balanta com diversas maneiras de celebração ritualística, repara-se que os homens brasa se tornam *Alante ndan*⁵ na medida em que recebem o estatuto do *fo* (circuncisão), enquanto que as mulheres se tornam *Anin ndan*⁶ no momento em que elas receberem a cerimônia de *Kpal* (casamento), pois, essas duas fases é que demonstram a passagem solene para a vida adulta de uma mulher e de um homem Brasa. (CAMMILLERI, 2010).

⁵ Alante ndam: homem adulto pertencente a esta etnia “balanta”.

⁶ Anin ndan: mulher adulta pertencente a esta etnia “balanta”.

Com pretensão de esclarecer essas fases, extraímos uma explicação a partir da explanação da Cammilleri,(2010), que salienta de que termo *fo* (circuncisão) indica a passagem de idade juvenil para a vida adulta. No decorrer dessa fase da circuncisão que é feito no longo percurso de formação, o homem *brasa*, enfrenta um longo caminho através das etapas devidamente seguidas até atingirem 26 anos ou mais, isto é, no caso de ser reprovado ou atrasado numa outra fase. O final dessa fase que culmina com a coroação do já considerado adulto pela comunidade, encerra com o canto do *Ksundé* que “exprime comoção do padrinho kulnanaga perante o neo-circuncidado de nome Nful que alcança o momento mais importante: o “hoje” da vida, isto é, o completar da sua formação” (CAMMILLERI, 2010, p.69).

A ideia que leva a execução dessas cerimônias ritualísticas mostram, segundo o pensamento do Gennep (2011), rituais são condutas que regem absolutamente o comportamento humano levando o sujeito a determinada situação estática na sociedade, sendo esta composta de um sistema coercitivo de regras para se enquadrar no plano coletivo. Essa ideia articula a narrativa que mostra a etapa mais importante para os membros do sexo feminino da etnia brasa pertencentes a camada juvenil que vão dos 13 aos 16 anos, como, a passagem para a puberdade e em seguida o casamento (*kpal*). As mulheres dessa etnia se prendem aos valores culturais que lhes foram incutidos desde a infância até a maturidade. Como mostra o trecho abaixo:

Estes dois ritos são precedidos e progressivamente preparados por muitos momentos educativos e formativos que acompanham o ciclo da vida dos jovens, agrupados segundo as faixas etárias e segundo a distinção do sexo. A educação proporcionada de modo coletivo visa integrar os menores na sociedade e no mundo cultural. (CAMMILLERI, 2010, p.39)

Apersebe-se que essas etapas são muito importantes para as mulheres e para os homens *Balantas*, uma vez que, cumprindo esses preceitos tradicionais, sentem orgulhosos de pertencer a este grupo, por receberem o respeito de tornarem adultos, capazes de assumir as próprias responsabilidades independente de outrem.

Hipoteticamente, a celebração ritualística de casamento tradicional simboliza um espeto muito importante na vida das mulheres e dos homens em diversas sociedades. Na sociedade guineense existem múltiplas diversidades culturais com as diferentes formas que enaltece os seus costumes. O casamento simboliza união de dois seres vivos, de sexo biologicamente diferente. Na etnia balanta e em específico da linhagem *kwntoi*, o casamento se dá através de um senso entre as famílias.

É importante realçar que as etapas da vida de uma mulher pertencente a esse grupo Étnico da Guiné-Bissau é divididas em seis fases atreladas chegada da vida adulta que sejam,

nbi fula usôn, fula ndan, iegle, thata, sade e anim ndolo. No entanto, seguindo o propósito do nosso estudo, seremos sintéticos em apresentar essas etapas, aprofundando mais na fase em que se decorre a cerimônia ritualística do casamento que é a *iegle*.

A fase conhecida como *iegle* é a etapa em que se considera uma mulher pronta para se casar, e ocorre no momento em que a mulher conta entre os 13 a 16 anos de idade. É a fase marcada com o casamento que no dialéto balanta é conhecida como *kpal*, em que, o pai como responsável da sua filha, encarrega de reunir com os familiares do rapaz para fazer um acordo da união entre as duas famílias, como salienta Cammilleri (2010).

A partir do pensamento de Cammilleri(2010), a vontade de manifestar a prontidão para o casamento e tomada pelo pai da menina que dirige a família do rapaz e faz que um acordo baseado no consenso das duas partes. No processo o nome desse rapaz não é revelada a mulher com antecedência. Segundo as regras dos seus costumes, entre todas as linhagens que compõem a etnia balanta não existe o dote, o que leva unicamente a estabelecimento de alianças de afinidade que é traduzida em prestações de serviços, de colaboração e de ajuda mútua.

De acordo com o que foi apontado pelo autor supercitado, o *kpal* é essencialmente constituída por duas partes: a primeira exprime a aliança entre as duas famílias oficialmente representadas: “pela mestra, a família do esposo e pela tia materna (*faa nin*) a família da esposa. Na segunda e composta por símbolos tais como, os cortes dos cabelos, o ocultar do rosto e o vestido que indica a nova identidade da mulher”. (CAMMILLERI, 2010, p.50).

A partir desse quadro de debate teórico referente a alguns aspetos importantes dessa etnia nos pareceu interessante analisar a abordagem de como se dá todo processo da cerimônia ritualística do casamento desse grupo étnico, e em específico, da linhagem *kwntoi*, para compreender melhor sua cultura e os preceitos que a regem.

Após a análise do marco teórico geral sobre quesitos importantes que enriquecem o nosso estudo, procuraremos situar o debate de uma forma mais aprofundada através de reflexões que serão desenvolvidas por meio das entrevistas semiestruturadas num trabalho de campo, o que nos orienta ao próximo tópico dedicado a explanação de como será realizada o nosso procedimento metodológico a ser adotada na pesquisa.

7. Procedimento Metodológicos

O nosso projeto de pesquisa procura discorrer sobre os aspectos ritualísticos da cerimônia do casamento da etnia Balanta, especificamente, analisaremos a da linhagem *Kwntoi*, - Guiné-Bissau. Buscando entender valores e significados que este povo concede ao casamento. Ao longo deste estudo e, para a construção de um conhecimento antropológico a respeito do nosso objeto de estudo, usaremos dentro dos parâmetros da pesquisa de abordagem qualitativa, o método procedimental de carácter etnográfica.

Segundo Antônio Carlos Gil (2010), no seu livro “Como Elaborar Um Projeto de Pesquisa”, percebe que a etnografia tem origem na antropologia, sendo utilizada tradicionalmente para descrição dos elementos de uma cultura específica, isto é, comportamentos, crenças e valores baseados em informações coletadas mediante trabalho de campo. Nesta acepção, o objetivo da pesquisa etnográfica é obter um quadro holístico do sujeito/objeto em estudo, com ênfase na descrição das experiências diárias das pessoas observando e entrevistando-as. O método etnográfico, sendo parte de um conjunto de abordagem existente no campo da pesquisa qualitativa, apresenta uma série de vantagens porque como é aplicado no próprio local em que ocorre o fenômeno, seus resultados são considerados mais fidedignos. Por outro lado, por apresentar o pesquisador maior nível de participação no processo ritualístico a ser pesquisado, maior a probabilidade de os participantes oferecerem respostas mais confiáveis, portanto, esse tipo de pesquisa (qualitativo) permite os componentes envolventes na pesquisa, de uma forma mais aberta, abordarem questões com suas opiniões livres e espontâneas. Posto isso, anunciamos organização e realização da nossa pesquisa em duas etapas distintas.

Preferenciarmos a utilização dos materiais bibliográficos que segundo Gil (2010) é uma técnica baseada em revisão dos materiais já elaborados, como livros, artigos ou ensaios científicos possibilitando a pesquisadora vantagem que permite ter dados suficientes para conhecer, previamente, os fenômenos socioculturais em questão, nos seus aspectos mais diversificados e contextualizados. Entretanto, exploraremos materiais bibliográficos produzidos, especificamente, centrando mais a nossa atenção nas temáticas que envolvem conceitos da cultura, ritual, etnicidade e identidade elementos subjacentes ao campo da antropologia. As principais obras a serem exploradas nessa fase são as obras do Salvatore Pe Cammilleri, intitulado a “identidade cultural do povo Balanta” e do Tchernó Djaló que versa

sobre identidades, dominações e resistências na Guiné intitulado “O Mestiço e o Poder”, adicionados aos outros autores, que fundamentalmente, esboçam temáticas culturais com abordagens do campo antropológico e sociológico.

Na segunda fase aplicaremos a pesquisa de campo, adotaremos duas técnicas que sejam, a Observação participante que supõe interação do pesquisador e participante, onde trabalharemos com protocolo observacional para registro de dados observados (Lakatos; Marconi, 2010), Este protocolo observacional pode ser urna única página com uma linha divisória no meio para separar as notas descritivas (descrição dos participantes, urna reconstrução de diálogo, uma descrição do cenário físico, relato de determinados eventos ou atividades) das notas reflexivas (as considerações pessoais do pesquisador, como" especulações, sentimentos, problemas, idéias, pressentimentos, impressões e preconceitos") (Bogdan e Biklen, 1992, p. 121). Para efetivar a triangulação dos dados, outra técnica de coleta de dados adotada será a realização de entrevistas semiestruturadas com internos, que permite o pesquisador obter do participante uma opinião livre e espontânea onde faremos o uso de protocolo de entrevista para registrar informações necessárias para testar a nossa hipótese. Esse protocolo inclui os seguintes: cabeçalho, instruções para o entrevistador (declarações de abertura), as principais nuances do tema em questão, mensagens de transição para o entrevistador, espaço para registrar os comentários do entrevistador e espaço no qual o pesquisador registra notas reflexivas. (CRESWEL, p.194).

Teremos como sujeitos participantes dessas entrevistas pessoas membros pertencentes a etnia balanta, essencialmente da linhagem Kwntoi, que tenham uma experiência aprofundada sobre as suas rituais do casamento, prioritariamente, adultos e idosos, homens e mulheres, num universo de amostra que apresente dez integrantes. O que significa que a metodologia responderá a seleção não aleatória considerando a heterogeneidade de variáveis como idade, gênero, gerações que são matrizes diferenciadoras. Essas pessoas irão responder perguntas levantadas no nosso estudo com intuito de nos fornecer informações que nos ajude a atingir o propósito almejado no nosso trabalho que é de compreender os aspetos da identidade cultural da etnia balanta no que tange aos seus ritos da cerimônia do casamento. A pesquisa vai ser realizada na Guiné-Bissau, na zona sul , concretamente, na aldeia de *Gã Malam*. O tempo determinado para sua realização tem um prazo de doze 12 meses, donde, os seis meses serão dedicadas a recolha dos dados bibliográficos e aquelas extraídas da observação e entrevista no campo, e os restantes seis meses serão disponibilizadas a organização, análise, interpretação e redação do relatório final. O objetivo de análise apresentado assenta na confiabilidade que

temos em oferecer respostas ou hipóteses que possam abrir caminho para novos olhares da identidade cultural desse povo como também instigar alternativos trabalhos que contribuam em outros explorações científicas mais profundos para o enriquecimento dos saberes tradicionais.

REFERÊNCIAS

- AUGEL, M. P. **O Desafio Do Escombro**: Nação, Identidades E Pós-Colonialismo na Literatura da Guiné-Bissau: Rio de Janeiro, Garamond, 2007.
- BENZINHO, J; ROSA, M. Guia **Turística**: A Descoberta Da Guiné-Bissau: Coimbra. – Gráfica Ediliber, 2015.
- CABRAL, Amílcar. A Arma da teoria. Unidade e Luta”. – Blog: **BUALA**. – Pub: maio de 2010. Disponível em: <http://www.buala.org/pt/mukanda/libertacao-nacional-e-cultura>. acesso aos: 20.04.2019.
- CABRAL, Amílcar. Libertação nacional e cultura. – In: SANCHES, Manuela Ribeiro (ORG.). Malhas Que Os Impérios Tecem Textos Anticoloniais, Contextos Pós-Coloniais. Ed. 70, LDA, Lisboa: Pentaedro, 2011.
- CALLEWAERT, Inger. Fyere Yaabte: um movimento terapêutico na sociedade Balanta. **Soronda**: revista de estudos guineenses, Bissau, n. 20, jul. 1995.
- CAMMILERI, Pe Salvatore. **A identidade cultural do povo Balanta**. – Lisboa: Edições, calibri. 2010.
- CRESWELL, Jon W. **Projeto de Pesquisa**: método quantitativo, qualitativo e misto. – 3. ed. Porto Alegre, Artmed, 2010.
- DJALÓ, Tchernó. **O Mestiço E O Poder**: Identidades, Dominações E Resistencia Na Guiné-Bissau. – 2 Ed. Nova Veja, 2013.
- GEERTZ, Clifford. **As Interpretações da Cultura**. – 1Ed.: Rio de Janeiro: LCT, 2008.
- GENNEP, A. V. **Os ritos de passagem**. – 2. ed., Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GIL, Antônio Carlos, 1946. Como elaborar projetos de pesquisa. – 5 . ed. - São Paulo, ed. Atlas S.A., 2010.
- HALL, Stuart. Identidade Cultural e diáspora. – In: **Revista do patrimônio histórico e artístico Nacional**. Rio de Janeiro, IPHAN, 1996, p. 68-75.
- LAKATOS, Eva M; MARCONI, Maria A. **Metodologia científica**. – 6.ed.-São Paulo: Atlas, 2011.
- LOPES, Carlos. Etnia, Estado e relações de Poder na Guiné-Bissau. – Lisboa Edições 70. 1982.
- MORESCO, C.; RIBEIRO, R. O Conceito de Identidade nos Estudos Culturais Britânicos E Latino-Americanos: Um Resgate Teórico. – **Rev. Interamericana de Comunicação Mediática**, V.04. N27, 2015.

PEIRANO, Mariza. **Rituais Ontem e Hoje**. – Ciências sociais. – Passo-a-Passo. Ed. Jorge Zahar. Simplíssimo Livros, 2003.

PINTO, Paula. Tradição e Modernidade na Guiné-Bissau: uma perspectiva interpretativista do subdesenvolvimento. – Dissertação de mestrado. 2011.

SIGA, Fernando. A Organização Social Política E Religiosa Dos Balanta: Usos, Constumes E Rituais. UNILAB, Redenção, 2015.

TYLOR, Edward Burnett. **Primitive Culture**: Researches into the Development of Mythology, Philosophy, Religion, Art, and Custom. London: John

Murray, 1871.